

## **Políticação do viver com HIV/AIDS no Nordeste Brasileiro**

Roberto Kennedy Gomes Franco\*

### **RESUMO**

No cenário histórico de transição do século XX para o XXI, germina o florescimento de uma políticação do viver sorologicamente positivo para o HIV/AIDS. Em minha pesquisa de doutoramento interessa a *memória social* compartilhada por ativistas que vivem e aprendem a lutar conscientemente contra o HIV/AIDS no Nordeste do Brasil. O fio-condutor de análise dessas memórias são as ações de lutas compartilhadas pelos ativistas da RNP+ Nordeste, Rede Nacional de Pessoas Vivendo e Convivendo com o Vírus do HIV/AIDS.

Palavras-Chave: HIV/AIDS, Consciência e Luta.

### **ABSTRACT**

In the scenario of historical transition of the XXI century, germinates the flowering of a politicization of living serologically positive for HIV / AIDS. In my doctoral research of interest to memory shared by social activists who live and learn to consciously fight against HIV / AIDS in northeast Brazil. The wire-driver analysis of these memories are the actions of activists of the struggles shared by RNP + Northeast, the National Network of People Living and living with HIV/AIDS.

Keywords: HIV / AIDS, awareness and fight.

O escopo deste texto diz respeito à parte de minha de pesquisa de doutoramento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará/UFC. Especificamente, objetivo analisar as trajetórias de engajamento político anti-HIV/AIDS e, ainda, os limites e possibilidades das ações formativas de luta consciente deflagrada pelos ativistas da RNP+ Nordeste, Rede Nacional de Pessoas Vivendo com o Vírus do HIV/AIDS. Esta consciência política dos modos de ser e estar sorologicamente positivo para o HIV, em minhas hipóteses, germinou-se por meio dos antagonismos sociais de adoecimento de uma pandemia de efeitos transnacionais para a humanidade.

Para tanto, passei a investigar, na perspectiva teórica do materialismo histórico-dialético, o impacto social que a emergência do HIV/AIDS vem causando no território nordestino no contexto de virada do século XX para o XXI. Assim sendo, problematizo o modo como as trajetórias dos diversos sujeitos alí presentes (re)agiram à emergência social do

---

\* Professor de História da Universidade Estadual do Piauí – UESPI; Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC; Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Federal do Piauí - UFPI; Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará – UFC; Bolsista CAPES/PICDT.

HIV/AIDS, e como esta simbolicamente se manifesta, entre outros elementos, com o advento de um engajamento político de ativista<sup>1</sup> anti-HIV/AIDS.

Metodologicamente, a pesquisa se efetiva tendo como ponto de partida a interlocução de fontes diversas (orais e escritas) a respeito da emergência social do HIV/AIDS no cenário histórico em curso no século XXI. Tenho, entretanto, um interesse especial pela memória oral, pois,

*as trajetórias à mercê de uma grave ameaça de saúde não são aquelas de objetos inertes, mas de indivíduos ativos, que se esforçam para adquirir o domínio do curso de sua existência. As entrevistas colocam em evidência, através das diferentes reações, a AIDS, e ainda, a possibilidade de reavaliar a própria vida, de provocar exame de consciência, um movimento de introspecção que deve servir para reforçar seus próprios desejos e posição social. A princípio a crise de identidade desencadeada pela AIDS conduz a soluções individuais de auto-isolamento, indo até novas formas de engajamento e de militância. (MICHAEL POLLAK, : 53, 54 )*

O associativismo da RNP+ busca fortalecer a luta política por melhores condições de saúde. É útil destacar o fato de que as experiências do associativista representam considerável “avanço” para as classes não hegemônicas, isso porque, indiscutivelmente, as associações concretizam uma forma de resistência à subsunção de setores excluídos da lógica do capital. Instala-se, com efeito, desde então, uma luta constante contra os excessos da sociabilidade de mercado, pois esta impõe uma experiência social excludente e segregadora. Uma vez organizada, a sociedade civil torna-se menos fraca diante dos embates cotidianos de luta e resistência social, não permitindo a individualização e o enfraquecimento no confronto com os grupos antagônicos.

Em entrevista sobre a experiência de seu ativismo e liderança, o paraibano Vitor Albuquerque Buriti, 35 anos de idade e dez anos de sorologia positiva para o HIV, diz o seguinte:

*Ser ativistas, ser liderança, para resumir é você conscientemente entender a realidade de viver com o HIV. É não cruzar os braços diante dessa realidade. É você ter vontade de mudar e de lutar por um mundo pelo menos mais igual pra todo mundo, a gente sabe que não consegue fazer mudanças grandes, significativas de uma hora pra outra na sociedade capitalista, mas pelo menos melhorar ou diminuir essa desigualdade que tem, acho que é o que como ativista mais desejo. (2008).*

No contexto em análise, percebe-se, pelas entrevistas, que as associações estão limitadas aos ditames da produção capitalista. Em razão de tais aspectos, as associações

---

<sup>1</sup> Segundo Abbagnano (2000), “O termo em questão indica a atitude que assume como princípio a subordinação de todos os valores, inclusive a verdade, as exigências da ação, isto é, ao êxito ou ao sucesso da ação (quase sempre, a ação política)”.

criadas pelas mais diversas categorias do mundo do trabalho ajuízam ações em benefício de conquistas que garantam o mínimo de seguridade aos seus associados. Sua atuação, portanto, baseia-se no confronto permanente de segmentos sociais divergentes.

Estas reflexões são presentes na **CARTA DE PRINCÍPIOS DA RNP+ BRASIL**. Ao definir como área de abrangência todo o Território nacional, os ativistas buscam a mobilização e integração de todas as pessoas vivendo com HIV/AIDS. Em seus objetivos, estabelece a não-vinculação político-partidária e religiosa e, ainda, a promoção do fortalecimento das pessoas sorologicamente positivas para o vírus HIV, independentemente de gênero, orientação sexual, credo, raça/cor ou etnia e nacionalidade.

Os princípios filosóficos da RNP+ pretendem proporcionar às pessoas vivendo com HIV/AIDS a chance de se encontrar, tomar atitudes ante sua condição sorológica, preparar táticas mediante as quais se desenvolva o indivíduo, combatendo o isolamento e a inércia, promovendo a troca de informações/experiências, criando oportunidades para que as vozes das pessoas vivendo com HIV/AIDS possam ser ouvidas no plano municipal, estadual, nacional e internacional, sendo prioridade básica a defesa dos direitos humanos das pessoas vivendo com HIV/AIDS.

Neste sentido, outro exemplo a destacar é o de Jaqueline Brasil ativista da RNP+ Natal/RN, ao comentar que:

*Sou ativista porque tô construindo e ajudando a construir um movimento que as pessoas se conscientizem da sua sorologia, dos cuidados que se tem tanto na prevenção, como na Adesão ao Tratamento, se tô tendo esse cuidado pra mim como travesti, também tô tendo para as outras pessoas, não tô preocupada só em mim. Acredito que se agente começar a plantar uma semente aqui, e todo dia você vai aguando, um dia ela vai germinar. E é isso que me faz esta no ativismo, de tá construindo, orientando. Eu trabalho muito com adolescente de favela, aconselho é muito pra eles se conscientizarem. Dou palestra em colégio, indústrias. Eu aprendi dessa forma, construo o movimento pra repassar as pessoas que não tem o mesmo acesso que tenho. Pra que tenham uma qualidade de vida melhor, como eu tenho. É difícil você trabalhar com o desconhecido, principalmente com o HIV/AIDS que é uma doença mutante, que atinge teu organismo, nunca sabe quando ela vai te atingir. (2008).*

Vale ainda mencionar que o associativismo é legitimado pelo sistema e que, ao fazê-lo, se deixa aceitar e aceita a estrutura legal do sistema social capitalista; neste sentido, suas possibilidades de mudanças efetivas são pequenas, no entanto, mesmo limitada, a atuação de referidas organizações é constantemente cerceada, fato que anuncia a relevância de seu papel na organização de grupos excluídos, ante o domínio do capital.

No cenário histórico de transição do século XX para o XXI, como se pode ver, germina uma politização do fato de viver sorologicamente positivo para o HIV. As experiências dos ativistas da RNP+ Nordeste, entre outras, seguem a linha daquilo é caracterizado como a emergência associativista de “novos movimentos sociais”.

A este respeito, Gohn (2007, p. 07, 08, 18) diz que

*O tempo passou, surgiram novos campos temáticos de luta que geraram novas identidades aos próprios movimentos sociais, tais como na área do meio ambiente, direitos humanos, gênero, questões étnico-raciais, religiosas, movimentos culturais etc. Alguns movimentos transformaram-se em redes de atores sociais organizados, ou fundiram-se com ONGs, ou rearticularam-se com as novas formas de associativismo que surgiram nos anos 90; outros entraram em crise e desapareceram; outros, ainda, foram criados com novas agendas e pautas, como as recentes manifestações antiglobalização. Em suma, o novo associativismo é mais propositivo, operativo e menos reivindicatório – produz menos mobilização ou grandes mobilizações, é mais estratégico. O conceito básico que dá fundamento às ações desse novo associativismo é o de Participação Cidadã. O perfil do militante dos movimentos sociais se alterou e as teorias estão a exigir de nós explicações mais consistentes.*

Mesmo limitadas, no entanto, as experiências de tais organizações são importantes por constituírem oposição aos interesses conflitantes, caso contrário, as condições de existência poderiam atingir níveis ainda mais precários, sendo importante mencionar que, por trás das associações, há um inegável processo de conscientização política, vital ao fortalecimento dos movimentos de resistência social. Mesmo reconhecendo que, como argumentam Marx e Engels (1968), “as associações são impotentes para fazerem frente às causas principais que modificam o mercado de trabalho” (p. 08), é relevante, enfatizar a necessidade de manifestação dos grupos marginalizados, para que se ergam e se organizem para combater a segregação sofrida diariamente. Assim, com tal movimento, lhes é possível a gradativa retomada da dignidade humana, ao mostrarem-se conscientes da necessidade de luta, não se deixando convencer de que a eles cabe apenas a pior parte do produto.

Norteadas por esta linha de raciocínio, as respostas políticas de enfrentamento à pandemia de AIDS, de maneira específica, a experiência dos ativistas da RNP+ Nordeste, são um bom exemplo de constituição desses novos agentes sociais. Articuladas às reflexões acima apontadas, por Pollak e Gohn, as experiências de engajamento do ativista pernambucano Jair Brandão afirmam que:

*O meu engajamento com o ativismo de luta contra o HIV/AIDS se deu em 1999, a partir do momento em que procurei ajuda numa associação e vi a importância de está participando, está entrando no movimento para poder buscar melhor qualidade de vida, melhores políticas de saúde. Para atingir esse objetivo tenho que estar*

*também presente na luta! Foi justamente no momento que procurei uma associação e tive apoio com informações do aprender a viver com HIV que formei minha consciência. Profissionalmente minha vida hoje acaba sendo então de um ativista profissional, em torno dessas agendas, 80% das minhas atividades é do movimento de luta contra a AIDS, com remuneração e tudo mais. Hoje faço essa articulação do GT Ativismo e Liderança, fortalecendo novos ativistas e também a questão do monitoramento de políticas internacionais.*

Conforme as experiências de Jair e de outros ativistas entrevistados, a “consciência do aprender a viver com HIV”, ou seja, de uma corporeidade soropositiva para o HIV, e seus desdobramentos sociais, produz um engajamento político, com ações de luta coletiva. Esta produção social de uma consciência anti-Aids tem relação com a necessidade de um intercâmbio, de uma cooperação política entre aqueles que se acham acometidos pelo HIV.

Em busca desta cooperação, o ativista pernambucano Jair Brandão argumenta:

*O que me mobiliza mais é que hoje eu tenho consciência, amadurecimento de que para mudar, para fazer uma mudança, uma transformação social, nós como sujeitos políticos precisamos está presentes, temos que buscar nossos direitos porque os governos não fazem isso. Então, ou eu estou nesse processo para querer mudar, ou, se não quero mudar, se quero ficar como está, então eu tenho que seguir outro caminho.*

Contra os antagonismos decorrentes dos tempos de HIV/AIDS, claramente é sentida nas falas a emergência histórica de um engajamento político por parte de cada ativista. Este fato que pode ser interpretado como de transição da *consciência em si* até a *consciência para si*, conceitos trabalhados por Marx, tanto na obra *Miséria da Filosofia*, quanto na *Ideologia alemã*, por Marx e Engels, ao analisarem especificamente o ato de produção da consciência nos seres humanos.

Epistemologicamente, a *consciência em si* é apresentada como uma práxis individual, que tem a existência engajada apenas para o ato acríptico/estranhado da produção dos meios necessários ao viver, sem consideração pelos aspectos políticos ou críticos em relação ao contexto social/coletivo em que se vive. A *consciência para si* trata-se do inverso, ou seja, de uma práxis coletiva de associação entre pessoas que se engajam conscientemente pela transformação histórico-social da realidade. Com suporte em tal plataforma teórica, minha pesquisa, ao analisar a consciência social compartilhada de ativistas engajados politicamente na luta contra o HIV/AIDS, objetiva dialeticamente compreender também o momento histórico em que estes sujeitos rompem com o individualismo da experiência de adoecimento do corpo.

Pode-se observar este processo de tomada de consciência, por exemplo, na seguinte fala do ativista Wendel Alencar de Oliveira:

*Logo após meu diagnóstico e depois de querer cometer o suicídio, busquei o Grupo Solidariedade é Vida que era a única que tinha aqui em São Luiz/MA, fui participando das reuniões de auto-estima, de auto-ajuda e tudo, e aí fui percebendo o que era de fato o HIV/AIDS, a complexidade que envolvia a prevenção e que a minha consciência preventiva tava totalmente equivocada, aí me incomodei com as informações recebidas e disse “Não! O mundo tem que saber disso!” e aí cheguei um dia lá na reunião de voluntários e disse que iria contribuir com essa luta de vocês, ainda não me encontrava naquela luta, falava de vocês, eu me solidarizava no sentido de que eles eram poucos e os trabalhos eram muitos. Então a minha identidade de pessoa com HIV/AIDS foi um processo. Então eu estar tomando a medicação foi um momento diferente do diagnóstico, eu ir pra reunião da RNP foi outro momento diferente do diagnóstico. Cada momento desses foi um processo mesmo! A cada momento eu tava me dedicando cada vez mais e aí as coisas foram acontecendo dentro do ativismo. O ativismo cada vez mais pegava outros rumos. Em 2003 eu já estava como ponto focal da RNP+ estadual do Maranhão e hoje sou da regional da RNP+ Nordeste.*

Em minhas hipóteses, em função de uma causa coletiva em prol da Saúde Pública, estes indivíduos, ao tempo em que tomam “consciência do aprender a viver com HIV” e se engajam no associativismo proposto pela RNP+ Nordeste, passam historicamente a assumir uma posição de sujeito político para além de si, ou seja, ultrapassando a mera individualidade sorologicamente positiva para o HIV.

Para Pollak (1990, 190, 197);

*As associações são garantias mais certas de uma atitude ciosa das liberdades porque agem mais claramente em nome e no interesse das pessoas contaminadas. Com sua tripla função – apoio à pesquisa, prevenção e a ajuda aos doentes – as associações são chamadas a um grande crescimento e a uma extensão de suas atividades. Melhores exatamente do que os poderes públicos para conceber campanhas de informação e de sensibilização dirigidas a grupos específicos são um parceiro indispensável das autoridades de saúde. Fortalecidas pela legitimidade adquirida e pela confiança de que gozam junto ao grande público, as associações, sem serem ainda atores inevitáveis, já não podem ser desprezados num debate sobre a gestão da doença.*

Em minha compreensão, o associativismo deflagrado pelo movimento de luta contra o HIV/AIDS diz respeito a este processo histórico de tomada de consciência política e de mobilização social por melhores condições de saúde para vidas em experiências corporais de adoecimento. Nesse sentido, no momento em que setores marginalizados decidem conscientemente se organizarem para impor certos limites às injustiças sociais, tem-se um salto qualitativo na conquista de uma subjetividade contestadora, que se consolidará quando de sua participação ativa nas formas de resistência/reação social. No que diz respeito às lutas/resistências sociais, cumpre ainda destacar o incômodo causado por estas à classe

hegemônica, que atribui aos manifestantes o título de agitadores e baderneiros, pessoas com o único intuito de ocasionar a desordem e a convulsão social.

Na prática da pesquisa em História, a presença do HIV em corpos humanos significa desenvolver procedimentos interpretativos que possibilitem estudar as formas pelas quais sujeitos historicamente situados produzem seus modos políticos de viver o binômio doença/saúde. A compreensão é de que a saúde e as doenças não são simplesmente um esquema de percepção, resultante e regido por determinações ou por uma lógica abstrata, ou, ainda, como mero fenômeno biológico. Muito pelo contrário, o binômio saúde/doenças é entendido como atividade da história social humana. Para Le Goff (1991), *“Espaço privilegiado dos fantasmas individuais mediatizados pela família, o meio, o Estado – gestor cada vez mais poderoso da saúde -, o corpo sofredor transformar-se-ia em objecto privilegiado dos historiadores.”*

Os estudos de Le Goff (1991, p. 7, 8), ao refletir sobre o *“difícil caminho a percorrer face às doenças”*, ensina ainda que, *“território fortemente simbólico, a SIDA”*, a AIDS, pode ser caracterizada como *“uma história dramática que revela através dos tempos uma doença emblemática”*, isto porque consegue unir ao mesmo tempo *“o horror dos sintomas ao pavor de um sentimento de culpabilidade individual e colectiva”*.

Diluído no meio físico da natureza e simbólico da cultura, mais do que representar, o corpo percebe/apreende o mundo, pois as experiências do associativismo Anti-AIDS expressam as contradições sociais do próprio movimento existencial do corpo humano em luta por melhores condições de vida e engajamento em um processo de (re)educação de si.

Sobre esta luta por melhores condições de vida, obtenho o relato da ativista maranhense, residente na cidade de Bacabal, Antonia Mendes Ramos, 55 anos de idade e cerca de 20 anos vivendo com HIV. Diz ela o seguinte:

*Na luta contra a AIDS tem a população pobre soropositiva que é mais vulnerável, mais carente e que precisa de uma assistência maior, esse pé no chão que eu vejo lá, ele não consegue o medicamento, ele não tem um feijão pra comer em casa. Como é que ele se agüenta em tomar a medicação se não tá bem alimentado? ou com moradia? ou com estrutura social e econômica? Isso é uma coisa que agente tem que rever e tem que criar uma política em cima disso aí, porque uma coisa é você viver com HIV/AIDS e não tomar nenhum medicamento e uma coisa é você viver, com HIV/AIDS e tomar medicamento, porque o medicamento ele é só um complemento pra que você fique mais forte, seu sistema imunológico suba e que você fique bem, mais também se você não tiver o básico pra comer, o arroz e o feijão você não vai viver só com aquele medicamento. É mais fácil você viver com comida do que com o medicamento, no caso do portador, você tira mais proveito com a comida, por que na realidade os dois se complementam, do que vale eu tomar o remédio se eu não tenho a comida, entendeu? E não só portador do HIV como*

*outras pessoas com outras patologias também se fragilizam muito com a pobreza nos interiores, como o câncer, como a tuberculose, hanseníase, enfim, então agente não vê nenhuma cobertura em cima disso pra que as pessoas tenham o acesso ao medicamento, mas também tenham o acesso a comida, emprego, casas própria. Enfim tem pessoas que você acompanha que tem vontade de chorar, não é fácil não, meu filho...*

Nesta luta pelos meios necessários à vida Marx (1982, p. 39), diante da precarização e pobreza econômica, destaca o fato de que, “*para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais*”. Dentre estas, “*algumas coisas mais*” necessárias ao corpo como “*condições para viver*”, destaco a luta social por saúde e contra as doenças como o HIV/AIDS como “*uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos*”. (MARX e ENGELS, 1982, p. 39). Isto porque é inadiável a organização social em torno de luta por melhores condições de atendimento às experiências de adoecimento.

Esta elasticidade dos lugares da história, apontada por Marx, para toda e qualquer atividade humana, entre elas os aspectos sociais da saúde e da doença, em meu entender, pode trazer fecundas ampliações para a análise e compreensão da experiência de formação política vivenciada pelos ativistas da RNP+.

O movimento de associativismo como a RNP+, ao ter caráter educativo, passa a constituir um espaço propício ao aprendizado coletivo, no qual o indivíduo se politiza e busca assumir-se como sujeito histórico. Ao fortalecer laços de união, a RNP+ tem o papel de contribuir na definição do papel de soropositivos para o HIV na luta por direitos e deveres, especialmente no que se refere à educação política para a saúde das populações socialmente mais vulneráveis à pandemia de HIV/AIDS.

De acordo ainda com Parker (2000, p. 105),

*Nos últimos anos presenciamos um deslocamento inédito de atenção de programas educativos AIDS baseados em informação para um novo conjunto de modelos, enfocando a capacitação coletiva e a mobilização comunitária, cruciais para os esforços mais dinâmicos e inovadores para responder à epidemia. Aproveitando as formulações pedagógicas já clássicas, como as de Paulo Freire, mais intimamente associadas com a tradição da educação popular na América Latina, temos mudado cada vez mais daquilo que poderia ser descrito como modelo “bancário” da prática educacional – no qual a educação é pouco mais do que um ato de depositar informações, e os conhecimentos são tratados como uma dívida concedida por sábios as supostos ignorantes – para o que seria mais adequadamente descrito como a educação libertaria ou dialógica, a qual pretende construir uma percepção crítica das forças socioculturais e político-econômicas que estruturam a realidade, e agir contra as forças opressoras.*

Neste caminho, tenho por norte os estudos dos Movimentos Sociais e sua

Educação, o que na prática da pesquisa em História significa desenvolver procedimentos interpretativos que possibilitem estudar as formas pelas quais sujeitos historicamente situados, materialmente, constituem seus modos de viver com base no engajamento político e coletivo. Importa enfatizar que os movimentos sociais podem desencadear uma práxis pedagógica de conscientização e (re)invenção de si.

Neste âmbito, merece destaque especial a Oficina Ativismo e Liderança, ministrada por Jair Brandão (conforme fotos ao lado), como ato político-educativo de formação de quadros para o movimento. Em síntese, sobre a oficina, ele diz que:

*Ontem na oficina tentei fazer com que as pessoas refletissem sobre que tipo de ativistas, de lideranças se precisa hoje na RNP+? Para fortalecer a luta, para ter mais conquistas é preciso investir na formação do sujeito político. Eu Jair sou sujeito político das minhas ações. Acho que nascemos sujeitos de direito, só que alguns conseguem ser sujeito político de suas ações, os outros continuam até morrer sendo somente sujeito de direito. Então é isso que precisamos entender e fazer essa mudança, a partir do momento em que me vejo enquanto cidadão e reconheço meus direitos, também ajudo e contribuo nessa luta. Temos essa carência muito grande na Rede e precisamos esta acordando, mostrando para esses novos ativistas que tão surgindo, que aqui tem muita gente nova nesse encontro, essa galera nova carece dessa formação.*

De forma complementar à linha de raciocínio destacada na fala de Jair, refletindo sobre a dimensão formativa e politizadora do associativismo, as reflexões de Marx e Engels (1968), no texto *Sobre o Sindicalismo*, assinala que, “*como escolas de guerra, as associações têm uma ação incomparável*”(P. 12). Esta ação politizadora de novos ativistas conforme se refere Jair tem relação conjunturalmente com a própria guerra política contra a AIDS e pela vida, e deve estar articulada com o entendimento social das próprias condições de vida de cada pessoa.

O intuito desta ação politizadora é conseguir legitimar algumas petições em favor dos pouco favorecidos. Tais movimentos configuram uma tentativa de assegurar conquistas sociais, em meio ao hegemônico aparato legal do capitalismo. Apesar de limitadas, tais ações representam uma forte resistência à segregação social, pois buscam ao menos modificar algumas leis que favorecem com exclusividade a classe detentora do poder. Isso porque se evidencia um caráter dual no atendimento das pessoas com HIV/AIDS, pois, enquanto as mais abastadas têm tratamento “5 estrelas”, com seus planos de saúde privado, aos pobres restam as filas dos precarizados hospitais públicos.

De forma complementar a tais reflexões, Parker (2000, p. 75) diz que:

*Essa análise do ativismo de base comunitário e de mobilização das comunidades começou a documentar as possibilidades de respostas culturais e políticas míopes e medidas administrativas às vezes contraproduativas apresentam pouca esperança de resolver as questões mais amplas levantadas pela epidemia. Talvez mais importante, eles consistentemente têm chamado atenção não só para a base comunitária necessária aos programas de intervenção, mas, também, para a importância de entender a prevenção ao HIV/AIDS em termos políticos além de técnicos.*

Constata-se, portanto, que o movimento político gerador de associações como a RNP+ busca sobreviver diante do constante ataque da lógica do capital, valendo ressaltar que, histórica e gradativamente, a classe dominante se organiza para conter toda e qualquer forma de movimento social que incida em conquistas para os setores menos favorecidos da população. Indiscutivelmente, a organização consciente de grupos não hegemônicos não é um evento que favoreça o grupo hegemonicamente dominante, pelo contrário, quanto mais desarticulada e fragmentada se apresente a memória-histórica dos grupos subalternos, mais frágil e estranhada se torna diante da implacável desregulamentação que lhe é imposta.

Assim, a interpretação da memória-histórica das lutas e resistências sociais incomoda, é arma potente em virtude da sua dimensão engajada e permanentemente crítica das formas de consciência humana no tempo e no espaço. Os ativistas da RNP+ que, de forma consciente, lutam politicamente contra o HIV/AIDS ao protestarem contra o Estado e sua inoperância ao atendimento em saúde, são testemunhas ainda vivas de “*nosso estilo de vida e pensamento*”. Lutando pela vida dia a dia, debatem-se com adversidades, angústias e vitórias do aprender a viver sorologicamente positivo para o HIV. Neste breve histórico, que analisa a consciência socialmente compartilhada pelos ativistas da RNP+, é possível ver que eles enfrentam desafios em seus contextos sem nem mesmo estar preparados ou haver escolhido, pois “*os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente*”. (MARX, 1997, p.21). Estes aspectos são fundamentais para uma pesquisa engajada e comprometida com as necessárias transformações das mazelas sociais vindouras neste tempo.

### **Referências Bibliográficas e Fontes**

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ALTMAN, Demis. **Poder e comunidade: respostas organizacionais à AIDS**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1995.
- GOHN, Maria da Glória (Org.). **Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LE GOFF, Jacques,. **As Doenças Têm História**. Lisboa.Terramar. 1991.

MARX, Karl. **Miséria de la Filosofia**. Buenos Aires: Ed. Actualidade, 1927.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Sobre o Sindicalismo**. Seleção de Textos de C. Bastien; Tradução do francês, de João Manuel. Pontos de Vista, São Paulo, 1968.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. 3 ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Sociais, 1982.

MARX, Karl;. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

PARKER, R. **Na Contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política**. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000.

POLLAK, Michael. **Os homossexuais e a Aids: sociologia de uma epidemia**. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.